

Lutas na Educação Física escolar: fato ou boato?

Las luchas en la Educación Física escolar: ¿realidad o ficción?

*Graduandos em Educação Física – UERN – CAMEAM
**Graduado em Educação Física – UERN
Especialista em Educação Física Escolar – FIP
Professor substituto do departamento de Educação Física – UERN
(Brasil)

Jacynara Pessoa de Lima Rego*
jacynara@yahoo.com.br
Lorena Karen Paiva e Freitas*
lorenna@brisanet.com.br
Maikon Moises de Oliveira Maia**
maikon_oliveira@hotmail.com

Resumo

As lutas, como um ramo da educação física escolar, reúnem um conjunto de conteúdos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem. O presente estudo buscou verificar se o conteúdo lutas é trabalhado nas escolas do município de Pau dos Ferros - RN, na qual esta pesquisa caracterizou-se como descritiva com abordagem quantitativa, onde foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário com perguntas objetivas adaptado de Ferreira (2006). A população foi caracterizada pelos professores de educação física do ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas do município de Pau dos Ferros - RN, sendo que a amostra constituiu-se de 18 professores de ambos os sexos. Dos 18 professores pesquisados, 07 (38,9%) utilizavam as lutas como conteúdo de ensino e 11 (61,1%) não utilizam o mesmo em suas aulas. Dos 07 (38,9%) que responderam positivamente, 04 (57,1%) ministravam suas aulas através de práticas recreativas/lúdicas, 01 (14,3%) com ajuda de um especialista, 01 (14,3%) através de vídeos e 01 (14,3%) outras alternativas. Dos 11 (61,1%) que responderam negativamente, 03 (27,3%) justificaram não ministrar esse conteúdo pela falta de instrução, 01 (9,1%) a escola não tem condições de oferecer esse tipo de prática e 07 (63,6%) outras alternativas, não constando nenhum resultado para conteúdo inadequado e falta de colaborador. No que concerne a definição do termo lutas, dos 18 entrevistados, 02 (11,1%) dizem que somente as técnicas pré-existentes podem ser consideradas lutas, e os outros 16 (88,9%) afirmam que qualquer atividade em que dois oponentes se enfrentam, tentando superar o outro, é um tipo de luta. Não houve respostas positivas com relação às lutas gerarem violência, porém, de acordo com 55,6% (10) da amostra, isso é um fator que depende do professor que ministra a aula. Portanto, pôde-se perceber que há uma carência por partes dos professores de educação física quanto à utilização do conteúdo lutas em suas aulas. Mostra-se necessário então, que estes professores busquem rever as possibilidades de conteúdos, diversificando suas aulas, sua metodologia e oferecendo aquilo que a disciplina dispõe como conteúdos, mesmo que para isso tenham que pesquisar, buscar auxílio com outros profissionais e até mesmo adaptar/criar condições para que a escola se torne um ambiente favorável a essa prática.

Unitermos: Lutas. Conteúdo. Educação Física escolar.

EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 153, Febrero de 2011. <http://www.efdeportes.com/>

1 / 1

Introdução

As lutas, como um ramo da educação física escolar, reúnem um conjunto de conhecimentos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem (LANÇANOVA, 2007).

Tomando como base a importância que as lutas têm e seus benefícios, este estudo objetivou-se em verificar se o conteúdo lutas é trabalhado nas escolas da rede pública e privada do município de Pau dos Ferros - RN.

Os professores que são dotados de requisitos básicos (pedagógicos, científicos, éticos), tornam-se os principais responsáveis pela formação do aluno no que diz respeito ao contexto escolar, sendo assim, poderia com algum esforço e pesquisa,

incluir em seu planejamento pedagógico, conteúdos de grande valor para a construção de indivíduos autônomos e preparados para o novo mundo (LANÇANOVA, 2007).

Portanto, através do exposto, algumas questões se emergem com relação à utilização do conteúdo lutas na educação física escolar, como: os professores de educação física realmente utilizam as lutas em suas aulas, ou seria apenas boato? De que forma utilizam? Quais as estratégias adotadas para a utilização das lutas?

Diante disto, mostrou-se relevante a construção deste estudo, uma vez que, tentaremos compreender a realidade dos professores de educação física do município de Pau dos Ferros - RN, ao que se refere à utilização das lutas como conteúdo do componente curricular, tendo em vista a suposição da pouca utilização deste por parte dos mesmos.

As lutas como conteúdo da Educação Física escolar

Segundo Zabala (1998), o termo conteúdo normalmente foi utilizado para expressar aquilo que se deve aprender, mas em relação quase exclusiva aos conhecimentos das matérias ou disciplinas clássicas e, habitualmente, para aludir aqueles que se expressam no conhecimento de nomes, conceitos, princípios, enunciados teoremas.

As lutas, como um ramo da educação física escolar, reúnem um conjunto de conhecimentos e oportunidades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando. Se considerado o seu potencial pedagógico, é um instrumento de enorme valor, nas mãos do educador, por sua ação corporal exclusiva, sua natureza histórica, e o rico acervo cultural que traz dos seus povos de origem (LANÇANOVA, 2007).

Para definir o conceito de lutas, embora haja outras definições, utilizamos o conceito proposto por Brasil (1998, p.70), no qual relata que

As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de luta as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do karate.

Segundo Lançanova (2007), as lutas representam uma das manifestações do

movimento humano mais expressivas, trabalhando o corpo e a mente de forma indissociáveis, sempre ligadas a uma filosofia de vida, privilegiando o respeito ao outro e o auto-aperfeiçoamento, tendo a autodefesa como meta.

Ferreira (2006), diz também que, as lutas trazem inúmeros benefícios ao usuário no que se refere ao desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social. Destaca-se no aspecto motor, a lateralidade, o controle do tônus muscular, o equilíbrio, a coordenação global, a idéia de tempo e espaço e a noção de corpo; no aspecto cognitivo, a percepção, o raciocínio, a formulação de estratégias e a atenção; e por fim, no aspecto afetivo social, se observa nos alunos alguns aspectos importantes como a reação a determinadas atitudes, a postura social, a perseverança, o respeito e a determinação, além de favorecer a criança a desenvolver o sentido do tato, extravasar e controlar a agressividade, aumentar a responsabilidade, pois ajuda o aluno a cuidar da integridade física do colega.

O mesmo autor explica que na disciplina de educação física, desde a educação infantil até o ensino médio, pode-se comprovar que as lutas lúdicas são sucesso em todos os níveis e que para os pequenos, as lutas dos animais (luta do sapo, luta do jacaré, etc.) ou a luta do saci, ajudam na liberação da agressividade das crianças, além de serem trabalhados todos os fatores psicomotores nestas atividades.

Embora a inclusão do conteúdo lutas na educação física escolar seja imprescindível, ainda assim, conforme Nascimento e Almeida (2007), a presença das lutas nas escolas é pequena, e, quando existe, é ministrada por terceiros e desvinculada da disciplina de educação física, em atividades extracurriculares ou por meio de grupos de treinamento. A literatura mostra duas justificativas apresentadas por professores de educação física para esta restrição da prática de lutas na escola: a primeira é a falta de vivência dos docentes sobre o tema, tanto no cotidiano de vida, como na formação acadêmica; a segunda é que a violência seria intrínseca às lutas, e sua prática estimularia a agressividade nos alunos.

No entanto, isto não poderia tornar-se um empecilho, pois Nascimento e Almeida (2007) contrapõem-se a essas alegações, argumentando que não é necessário saber lutar para ensinar lutas na escola, já que não é intenção dela formar atletas/lutadores, mas sim transmitir valores, conceitos e atitudes.

Já com relação à violência, esta é algo presente na sociedade como um todo e, neste caso, a escola não fica imune a ela. Sendo assim, pode-se observar algum comportamento agressivo por parte dos alunos nas aulas de educação física, pois de fato, a agressividade, indisciplina e violência são apontadas por 545 pesquisadores e educadores como alguns dos grandes problemas da Escola atual (AQUINO, 1996; MARRIEL ET AL. 2006; SPOSITO, 2001).

Olivier (2000, p. 11), ao referir-se à violência, entende-a como inerente às relações sociais, e a concebe como modos de expressão e de comunicação, que surgem em situações de conflito, de ameaças, de incerteza.

O mesmo autor também nos mostra seu posicionamento no sentido de que as atividades de luta na escola, sistematizadas e metodologicamente pensadas e conduzidas, ajudam a criança a gerir e a controlar a complexidade das relações violentas no interior do grupo social.

Diante do exposto, mostra-se essencial que as lutas devam fazer parte dos conteúdos a serem ministrados nas aulas de educação física, desde a educação infantil até o ensino médio.

As lutas nas diversas abordagens pedagógicas

A partir da década de 70, algumas abordagens tiveram maior impacto a fim de enfatizar conteúdos que viessem a tornar a educação física mais próxima da realidade e da função escolar. Estas foram: psicomotricidade, desenvolvimentista e construtivista com enfoque psicológico e as críticas (crítico-superadora e crítico-emancipatória), com enfoque sociocultural. Além destas perspectivas, o modelo adotado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - área Educação Física e a proposta dos jogos cooperativos se constituem numa proposta diferente das demais. Pode-se incluir ainda uma nova tendência com uma visão relacionada à saúde e aptidão física, porém, com uma perspectiva renovada (DARIDO, 1998).

As abordagens pedagógicas podem ser entendidas como pressupostos que caracterizam uma determinada linha pedagógica adotada pelo professor em sua prática, ou seja, são criadas em função dos objetivos, propostas educacionais, prática e postura do professor, metodologia, papel do aluno, dentre outros aspectos (DARIDO, 2004).

No entanto, o conteúdo em questão neste estudo, lutas, será tratado apenas nas abordagens críticas (Crítico-superadora, Crítico-emancipatória e PCN's), pois os incluem diretamente em seus blocos de conteúdos.

Com relação à Brasil (1998), este aponta vários objetivos com a prática das lutas nas escolas, destacando dois aspectos. **1) aspectos históricos-sociais** como a compreensão do ato de lutar; por que lutar; com quem lutar; contra quem ou contra o que lutar; compreensão e vivência de lutas dentro do contexto escolar (lutas x violência); vivência de momentos para a apreciação e reflexão sobre as lutas e a mídia; **2) construção dos gestos nas lutas** proporcionando vivência de situações que envolvam perceber, relacionar e desenvolver as capacidades físicas e

habilidades motoras presentes nas lutas praticadas na atualidade (capoeira, caratê, judô etc.); vivenciar situações em que seja necessário compreender e utilizar as técnicas para resoluções de problemas em situações de luta (técnica e tática individual aplicadas aos fundamentos de ataque e defesa); vivência de atividades que envolvam as lutas, dentro do contexto escolar, de forma recreativa e competitiva.

De acordo com Carreiro (2008), estes objetivos podem ser desenvolvidos a partir das três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal. Ainda referindo-se ao autor supracitado, na dimensão conceitual, podem ser estudadas as lutas de origem japonesa, chinesa e as brasileiras (capoeira e jiu jitsu brasileiro). Podem ainda ser incluídos os seguintes aspectos: as transformações das lutas, bem como o seu contexto histórico cultural e sua filosofia, as transformações necessárias das lutas ao contexto esportivo e também ao contexto escolar, reconhecer e discutir a influência da mídia sobre o imaginário social; na dimensão procedimental, podem ser praticadas diversos tipos de equilíbrios e desequilíbrios, alguns golpes tidos como principais nas lutas mais conhecidas, queda segura e rolamento; na dimensão atitudinal, ligada à valores, espera-se que haja uma intervenção ativa dos professores no sentido de ressignificar o papel das lutas no contexto educacional, valorizando atitudes de não-violência, respeitando os companheiros, resolução dos problemas através do diálogo, a busca da justiça e da solidariedade.

Quanto às abordagens críticas, a capoeira é o único instrumento utilizado para direcionar o conteúdo de lutas.

Com relação à abordagem crítico-superadora, que visa a formação de sujeitos críticos, autônomos, conscientes de sua condição histórica e que se compreendam enquanto interventores na construção de sua própria realidade. Essa perspectiva da educação física aborda como objeto de estudo da reflexão pedagógica o conhecimento de uma área denominada cultura corporal, configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como o jogo, o esporte, a ginástica, a dança e a capoeira, que constituirão seu conteúdo (SOARES et al, 1992).

Estes conteúdos devem ser propostos considerando a sua relevância social dos conteúdos, sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos (DARIDO, 2001).

Contudo, a proposta da cultura corporal para o ensino da educação física como disciplina escolar defende a possibilidade de resgatar práticas que possam, de um lado, contribuir efetivamente para o desenvolvimento da consciência crítica e, de outro, constituir formas efetivas de resistência (ESCOBAR, 1995, p.97).

Segundo Mello (2002), a capoeira, enquanto manifestação cultural afrobrasileira, criada pelos escravos como forma de luta contra a opressão, atuou como resistência nos planos físico e cultural, salvaguardando no seu universo simbólico e motor alguns elementos que a tornam peculiar, como: a musicalidade, a religiosidade, movimentos acrobáticos, entre outros.

Concordando com o autor supracitado podemos afirmar que a capoeira é uma manifestação plural, na qual o lúdico e o combativo, interpenetram-se, caracterizando-a como jogo, luta e dança. Ainda nesse debate, Falcão (1998) compreende a capoeira como um misto de jogo, arte, luta, dança e folclore que vem sistematicamente adquirindo contornos desportivos, sendo esta, uma construção social que extrapola acomodações em concepções fechadas.

Diante do exposto, a educação física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou. Esse alerta vale nos meios da educação física, inclusive para o judô que foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico (SOARES et al, 1992).

Tomando conhecimento da abordagem Crítico-emancipatória, Kunz (1994) ao descrevê-la adverte que deve ser necessariamente acompanhada de uma didática comunicativa, pois ela deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional. O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas também de reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica.

Segundo Kunz (1998) apud Darido e Rangel (2008), os conteúdos desta proposta são: esporte, jogo, ginástica, dança e capoeira que devem ser ensinados nesta perspectiva, por uma seqüência de estratégias, denominada transcendência de limites, com as seguintes etapas: encenação, problematização, ampliação e reconstrução coletiva do conhecimento.

Baseando-se no autor supracitado, a **encenação** consiste na exploração das possibilidades e propriedades tanto dos recursos didáticos, como da própria capacidade dos alunos em torná-los descobridores e inventores de diferentes estratégias; a **problematização** consiste no confronto e na discussão das diversas situações de ensino levadas a efeito pela encenação; a **ampliação** consiste no levantamento de dificuldades verificadas nas ações, assim como apresenta subsídios que ampliam a visão dos temas vivenciados; e por último, a

reconstrução coletiva do conhecimento, que consiste em uma nova atribuição de significado ao conteúdo, utilizando análises e discussões das etapas anteriores

O mesmo autor fomenta que nesta abordagem, também são vistas três competências nas quais se devem trabalhar com o aluno: a objetiva, social e comunicativa. A **competência objetiva** diz respeito ao que o aluno deverá receber entre conhecimentos e informações, onde este precisa aprender estratégias para ter suas ações feitas com competência; já na **competência social** o aluno deverá compreender as diferentes relações que o homem tem em uma sociedade, como relações históricas, culturais, sociais, também deve entender os problemas que o norteiam e as contradições das relações que habitam ao seu redor; e quanto à **competência comunicativa** é importante salientar que o ser humano utiliza a linguagem verbal, porém ela é apenas umas das linguagens que podem ser usadas, pois o movimento também se exprime em forma de linguagem.

Esta abordagem é completamente visada em uma ótica crítica, Kunz (1994), defende o ensino crítico, pois é a partir dele que os alunos passam a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade e que formam as falsas convicções, interesses e desejos. Desta forma, a missão da Educação crítica é promover condições para que estas estruturas autoritárias sejam suspensas, e o ensino encaminha no sentido de uma emancipação, possibilitado pelo uso da linguagem.

Quando falamos em visão crítica de ensino podemos introduzir a capoeira como conteúdo desta magnitude. A capoeira no contexto escolar vista como cultura do movimento deve ter um olhar de movimento crítica social, na idéia de Falcão (2004).

Assim como na perspectiva crítico-superadora, a capoeira é tratada na perspectiva crítico-emancipatória como uma manifestação da cultura afro-brasileira. A mesma constitui-se numa atividade em que o jogo, a luta e a dança se interpenetram, ou seja, sendo ao mesmo tempo luta, dança e jogo. O seu praticante é visto como jogador e não lutador ou dançarino. Com isso fica evidenciado que a capoeira se diferencia de outros tipos de lutas, visto que o elemento jogo redimensiona o conceito dessa cultura do movimento (FALCÃO, 2004).

Segundo a ótica de Huizinga (1990) apud Seara e Pires (2010), o jogo é uma atividade em que predomina a alegria, não precisa ser justificado e nem precisa de um objetivo para ocorrer. Sendo analisado pela visão de jogo, ela consegue atender a necessidade de fantasia, utopia, justiça e estética e, ainda, desperta o gosto pelo inesperado, pelo imprevisível.

A dança na capoeira se expressa no gingado centrado nos quadris, fazendo com que o corpo lute dançando e dance lutando, remetendo a capoeira a uma zona imaginária e ambígua, situada entre o lúdico e o combativo, conforme Reis (1977, p. 215).

Já enquanto luta a capoeira restaura suas origens. É importante observar que o jogo e a dança contribuem para a dissimulação do componente luta na prática da capoeira. Através do jogo de capoeira, os corpos negociam, e a ginga significa a possibilidade de barganha (troca), atuando no sentido de impedir o conflito (REIS, 1977, p. 225).

Metodologia

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa quantitativa com uma análise descritiva dos dados, na qual foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário com perguntas objetivas adaptado de Ferreira (2006).

Caracterizou-se como população deste estudo os professores de educação física do ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas do município de Pau dos Ferros/RN, sendo que a amostra constituiu-se de 18 professores de ambos os sexos, os quais estão distribuídos entre 11 escolas.

Ressalta-se também, que os professores ao concordarem em participar do estudo assinaram o termo de consentimento e livre esclarecimento, ficando sabedor dos objetivos da pesquisa, da importância e se comprometendo a responder o questionário de livre e espontânea vontade.

Apresentação e discussão dos resultados

Dos questionários que foram aplicados aos 18 professores, obtivemos os seguintes resultados:

Conforme a tabela abaixo (tabela 1), dos 18 professores pesquisados 38,9% (n=7) utilizam as lutas como conteúdos de ensino e 11 (61,1%) não utilizam esse conteúdo em suas aulas.

Tabela 01. Você utiliza o conteúdo lutas nas suas aulas

Opções	Quant. / Porcent.%
Sim	07 (38,9%)
Não	11 (61,1%)

Fonte: Dados obtidos através dos pesquisadores.

Diante disto, podemos perceber que mesmo as lutas sendo um conteúdo da

educação física conforme Brasil (1998), ainda sim mostra-se pouco trabalhado tendo em vista o comodismo e a falta de inovação nas aulas.

Nascimento e Almeida (2007) comprovam tal fato quando diz que a ampliação dos temas ou conteúdos a serem devidamente estudados na disciplina de educação física na escola, fruto, também, de mudanças paradigmáticas no próprio campo é fato, porém, **a efetivação de tal ampliação não é um processo que ocorre rapidamente**, que é realmente o que mostra este estudo.

E ainda, mesmo este conteúdo trazendo inúmeros benefícios ao educando conforme Ferreira (2006), na qual destaca-se o desenvolvimento motor, o cognitivo e o afetivo-social, o estudo nos mostra que os professores não despertaram para isso, pois somente 38,8% trabalham o conteúdo.

Portanto, as lutas devem fazer parte dos conteúdos a serem ministrados nas aulas de educação física, seja na educação infantil, ensino fundamental ou médio, ressaltando-se que as lutas não são somente as técnicas sistematizadas como Caratê e Judô. O braço de ferro, o cabo de guerra, as técnicas recreativas de empurrar, de puxar, de deslocar o parceiro do local, as lutas representativas como a luta do sapo (alunos agachados um tentando derrubar o outro), a luta do saci (alunos de mãos dadas, somente com um pé no chão, tentando provocar o desequilíbrio do parceiro, forçando o colega a tocar com o pé que estava elevado no chão), são apenas alguns exemplos de como se trabalhar as lutas de forma estimulante e desafiadora na aula de educação física (FERREIRA 2006).

A partir da aplicação do questionário e das respostas obtidas passamos a discutir, mais pontualmente, aqueles que tratam em suas aulas o conteúdo lutas. Nessa perspectiva foram indagados de que maneira eles utilizam o conteúdo lutas em suas aulas. Dos resultados elencados na tabela 2 podemos dizer que a maior parte, 57% (n=4), tratam o conteúdo lutas através de pratica recreativas, 14,3 % (n=1) tratam através de vídeos, 14,3% (n=1) através de um especialista e 14,3% (n=1) através de outras alternativas.

Tabela 02. De que forma você utiliza os conteúdos lutas nas aulas de Educação Física

Opções	Quant. / Porcent.%
Práticas Recreativas/Lúdicas	04 - 57,1%
Ajuda de um especialista	01 - 14,3%
Vídeos	01 - 14,3%
Aula de campo	00 - 0,0%
Outras alternativas	01 - 14,3%

Fonte: Dados obtidos através dos pesquisadores.

Nota-se ainda, uma maioria afirmando trabalhar este conteúdo em suas aulas através de práticas recreativas/lúdicas que segundo Ferreira (2009) pode ser esta a melhor forma de se trabalhar lutas na escola. Brincar de luta desenvolve os fatores físicos e, ao mesmo tempo, exige um grande esforço cognitivo (formulação de estratégias). O fator afetivo e social também é exaltado, podendo ser observado que os alunos desenvolvem a auto-estima, o autocontrole e a determinação.

Percebe-se também, que o conteúdo mencionado não é trabalhado através de aulas campal, onde poderia ser uma ferramenta que o professor poderia utilizar em suas aulas, como por exemplo, fazer uma visita em uma academia especializada em lutas para que os alunos possam conhecer manusear os materiais específicos daquela luta, além de poder praticá-la com o auxílio de um profissional especializado.

Noutra análise, procurou-se identificar os motivos que conduzem parte da amostra a não utilizarem as lutas como conteúdos em suas aulas. Dentre estes podemos destacar os seguintes motivos: a falta de instrução para ministrar as lutas 27,3% (n=3), a escola não tem condições de oferecer esse tipo de prática 9,1% (n=1) e outras alternativas 63,6% (n=7).

Tabela 03. Por que você não utiliza as lutas nas suas aulas

Motivos	Quant. / Porcent.%
Falta de instrução	03 - 27,3%
Escola sem condições	01 - 9,1%
Falta de colaborador	00 - 0,0%
Conteúdo inadequado	00 - 0,0%
Outras alternativas	07 - 63,6%

Fonte: Dados obtidos através dos pesquisadores.

Com isso, podemos perceber que embora a minoria não tenha instrução para ministrar este conteúdo em suas aulas, ainda sim, não houve nenhuma resposta negativa com relação ao conteúdo a ser inadequado para a escola. No tocante a falta de colaborador fica claro que não houve nenhuma resposta positiva afirmando que existe uma carência de colaboradores, ou seja, de uma pessoa que possa ajudá-lo.

Analisando a questão outras alternativas, a qual mostrou-se com um percentual elevando, pudemos notar que diante de todas essas dificuldades já mencionadas, alegaram ainda, existir outros motivos pelos quais não há inclusão das lutas como conteúdo.

Diante do exposto, fica claro que existem dificuldades para a prática das lutas na

escola, mas segundo Ferreira (2009) estes obstáculos não devem ser barreiras intransponíveis. Se o professor não tem instrução para lecionar lutas, o mesmo deve procurar cursos de capacitação, trocar experiências com os colegas ou recorrer ao vídeo e à ajuda de especialistas. Se a escola não oferece condições físicas e materiais o professor deve utilizar a improvisação, realizando suas atividades na própria sala de aula (tendo o cuidado com a preparação do espaço) ou oferecendo aos alunos uma aula de campo (visita a academias, por exemplo) e não privá-los deste conteúdo, devido às dificuldades citadas acima.

Ora, se Brasil (1998) é dos principais documentos norteadores da educação física escolar (pelo menos da escola pública), e este conteúdo está presente como sendo parte de um dos blocos de conteúdos, então o mesmo deve ser incluído nas aulas de educação física a fim de diversificar e abranger outras concepções para a educação física escolar.

Partindo para outra questão, agora a respeito da definição do que venha ser lutas, a tabela 4 nos mostra que 11,1% (n=4) dizem que somente as técnicas pré-existentes podem ser consideradas lutas. E os outros 88,9% (n=16) afirmam que qualquer atividade em que dois oponentes se enfrentam, tentando superar o outro, é um tipo de luta.

Tabela 04. Definição das lutas

Definições	Quant. / Porcent.%
Somente técnicas pré-existentes	02 - 11,1%
Qualquer atividade que dois oponentes se enfrentem	16 - 88,9%

Fonte: Dados obtidos através dos pesquisadores.

Embora a maioria dos professores concorde que as lutas são qualquer confronto entre dois oponentes, dois professores ainda se mostram não ter o conhecimento diversificado das lutas, pois conforme Brasil (1998) podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê.

Quando indagados através do questionário se a prática das lutas geram violência, como mostra a tabela 5, 44,4% (n=8) responderam que não, enquanto que 55,6% (n=10) responderam que depende do professor.

Tabela 05. As lutas geram violência

Considerações	Quant. / Porcent.%
Sim	00 - 00%
Não	08 - 44,4%

Depende do professor	10 - 55,6%
----------------------	------------

Fonte: Dados obtidos através dos pesquisadores.

Embora a prática das lutas não gere violência, este ainda é um fator que depende do professor, pois ele conduzirá os alunos a uma prática que na maioria das vezes haverá o contato físico, devendo assim procurar metodologias apropriadas a fim de conduzir suas aulas de forma a cativar, incentivar e fazer com que os educandos reflitam sobre esta prática.

Quando questionados se seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem as lutas, a tabela 6 mostra que 88,9% (n=16) responderam que não, e 02 (11,1%) disseram que talvez.

Tabela 06. A prática das lutas tornam os alunos mais agressivos

Considerações	Quant. / Porcent.%
Sim	00 - 00%
Não	16 - 88,9%
Talvez	02 - 11,1%

Fonte: Dados obtidos através dos pesquisadores.

Tomando por base a afirmativa anterior, embora o professor seja em grande parte responsável, ainda sim, não depende somente dele, pois segundo Prosdócimo (2008) a agressividade decorre de múltiplos fatores, entre eles os fatores sociais, que podem levar um sujeito a expor-se de forma mais intensa de maneira agressiva dependendo da situação, e dos estímulos que lhe forem disponibilizados.

Considerações finais

Com base no que foi exposto, pudemos perceber que há uma carência por partes dos professores de educação física quanto à utilização do conteúdo lutas em suas aulas. E isso nos faz pensar que, se os próprios professores não utilizam os conteúdos que a educação física dispõe, então não podemos reverter o quadro em que a mesma se encontra, onde para muitos é considerada como apenas jogar bola.

Logo, mostra-se necessário que os profissionais da área (professor de educação física escolar) façam sua parte, que revejam as possibilidades de conteúdos, que diversifiquem suas aulas, sua metodologia e ofereçam aquilo que esta disciplina dispõe como conteúdos, mesmo que para isso tenham que pesquisar, buscar auxílio com outros profissionais e reciclar essa idéia de que as lutas geram agressividade.

Precisamos também, elaborar novas abordagens a partir de nossas experiências práticas, que, com certeza, irão nos remeter a novas questões, considerando cada realidade. Essas novas questões ou problemas não devem ser encarados como

empecilhos, e sim como pontos de partida para re-estruturarmos nosso fazer pedagógico cotidiano, pois essa é uma condição normal, “natural”, para quem adota uma postura de constante aprendizado e compreende o movimento eterno do conhecimento, que, por ser reconhecidamente de caráter provisório, está sempre passível de ser re-significado de acordo com as realidades, concepções e momentos históricos específicos.

Referências bibliográficas

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, J. AQUINO, J. R.G. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- BRASIL. Secretaria de educação fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física, Terceiro e quarto ciclo*, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Org.). *Educação física na escola: Implicações para prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- DARIDO, S, C. RANGEL, I, C, A. (Org.). *Educação física na escola: Implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- DARIDO, S, C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.
- _____. Apresentação e análise das principais abordagens da Educação Física escolar. *Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, Vol. 20, nº 1, 1998.
- DARIDO, S.C. Ensinar/aprender educação física na escola: influências, tendências e possibilidades. In: DARIDO, S.C.; MAITINO, E. M. (Org.). *Pedagogia cidadã: Cadernos de formação: Educação Física*. São Paulo: UNESP, 2004.
- ESCOBAR, M. O. Cultura Corporal na escola: tarefas da Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, nº 08, Dez, 1995.
- FALCÃO, J. L. C. Capoeira. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física*

1. 1 ed. Ijuí: Unijuí, v. 1, 1998. p. 55-94.

- FALCÃO, J. L. C. *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*. 2004. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- FERREIRA H. S. As lutas na Educação Física escolar. *Revista de Educação Física*. Nº 135, Novembro, 2006.
- FERREIRA H. S. A utilização das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física. *EFDeportes.com, Revista digital*. Buenos Aires, ano 13, nº 130, março 2009. <http://www.efdeportes.com/efd130/lutas-como-conteudo-das-aulas-de-educacao-fisica.htm>
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LANÇANOVA, J. *Lutas na educação física escolar: alternativas pedagógicas*. 2007. Disponível em: <http://lutasescolar.vilabol.uol.com.br/index.html>, Acesso em 05 de agosto de 2010.
- MARRIEL, L. C. et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.127, jan-abr 2006. p. 35-50.
- MELLO, A. S. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: Congresso brasileiro de história da educação física, esporte, lazer e dança, VIII, 2002, Ponta Grossa, PR. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. *Anais...* Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.
- NASCIMENTO, P, R, B. e ALMEIDA. L. A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 13, n.3, set/dez 2007.
- OLIVIER, J. C. *Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PROSDÓCIMO, E. Agressividade na escola: o que pensam os professores In: VIII congresso nacional de educação - educere: Formação de Professores -

edição internacional, 2008, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUCPR, 2008. v.VIII. p.1406 - 1420.

- REIS, L. V. *O Mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo, Publisher Brasil, 1997.
- SEARA, E. C. R. e PIRES, V. A capoeira a partir da abordagem crítico emancipatória: vivenciando e praticando. *EFDeportes.com, Revista digital*. Buenos Aires, ano 15, nº 144, maio 2010. <http://www.efdeportes.com/efd144/a-capoeira-a-partir-da-abordagem-critico-emancipatoria.htm>
- SOARES et al. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- SPOSITO, M. P. *Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 27 n.1, jan-jun 2001. p. 87-103.
- ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.